

Krugman reduziria ainda mais os juros

ROSA SYMANSKI

Especial para o JB

SÃO PAULO - O economista americano Paul Krugman disse ontem que o Brasil não pode ser complacente com o capital de curto prazo nem ser dependente das linhas de crédito de curtíssimo prazo. Falando no Fórum Abinee Tec 99 - cujo tema foi *As mudanças de mercado e os instrumentos de competitividade* - o economista demonstrou otimismo em relação ao país. Prevê uma virada na economia que, em sua avaliação, vai melhorar todo o cenário econômico, a longo prazo.

"A crise terminou, houve crescimento fundamental e estou otimista, na expectativa de que as taxas de juros caiam rapidamente. O Brasil vai se refazer à medida que as taxas caírem, sem enfraquecer a moeda. Eu tentaria acelerar essa redução nas taxas", afirmou Krugman. Em relação aos riscos de credibilidade internacional devido ao noticiário sobre o Banco Central, o

economista disse ser positiva uma investigação. "Existe uma nova responsabilidade no sistema. É melhor resolver do que fazer de conta que não há problema. Um exemplo de país que passou por freqüentes crises, a Argentina agora é uma torre de integridade para os investidores internacionais", lembrou.

Krugman foi cuidadoso ao se referir à possibilidade de um eventual atraso nas reformas e o processo de privatização resultar numa retomada da crise. "Se ocorrerem disputas políticas sobre as privatizações e as reformas que despertem algumas dúvidas sobre o Brasil; se o déficit em conta corrente for pior do que se espera; ou se os bancos comessem a agir contra as linhas de crédito, reduzindo-as, poderia acontecer tudo de novo. Infelizmente os ingredientes necessários estão todos aí para colocar fogo. Mas acho que nada disso vai acontecer. Embora seja fácil imaginarmos, já que o Brasil está na corda bamba", advertiu Krugman.